



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

Peterson Brandão Carreiro

Fazer a coisa certa e ser feliz: um estudo sobre a ética das virtudes

Rio de Janeiro

2017

Peterson Brandão Carreiro

Fazer a coisa certa e ser feliz: um estudo sobre a ética das virtudes

**Projeto de Monografia apresentado à
Escola Politécnica de Saúde Joaquim
Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz
(EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial
para aprovação no Curso Técnico de
Nível Médio em Gerência em Saúde.**

Orientador: Murilo Mariano Vilaça

Rio de Janeiro

2017

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a palavra ética assumiu um destaque na sociedade. O clamor por ética ressoa amplamente. Ética nas profissões, ética na ciência e, sobretudo, ética na política são alguns exemplos. Em todos os casos, o que está em jogo é a conduta humana, que é julgada/avaliada sob uma perspectiva dicotômica (certo ou errado; correto ou incorreto; bom ou mau; bem ou mal; permitido ou proibido e afins). Ou seja, clamar por ética é, em grande medida, denunciar o que está errado, o que é antiético.

Mas o que é ética? Como o termo antiético está apontando uma negação ou contrariedade ao que é ético, somente alguém que sabe o que é ética poderia afirmar que algo é antiético. Mas essa não é a tônica. O uso do termo ética é, via de regra, genérico, impreciso ou, nos termos de Romano (2001), abusivo. Sem consciência da sua polissemia, falar sobre ética cotidianamente é falar sobre algo que teria um sentido que seria de domínio público, o que não é verdade.

Neste estudo, objetivo identificar e compreender as características da concepção aristotélica de ética. No livro *Ética a Nicômaco*, Aristóteles, pressupondo a indissociabilidade entre ética e política, desenvolve uma concepção de vida ética que tem como objetivo a felicidade. O *télos* (finalidade, objetivo, propósito) da vida seria alcançar o Sumo Bem (Bem supremo), que é, nesta teoria ética, a felicidade.

Dentre as questões que pretendo responder, destaco: como, na antiguidade grega, era feita a distinção entre o certo e o errado? O que era ser feliz nessa tradição? Por que a felicidade estava atrelada à ação correta (virtuosa)? Quais virtudes, ao serem praticadas, levavam o homem grego a ser feliz (ter uma vida boa ou realiza)? Qual a relação entre ser feliz e a dimensão política da vida humana?

OBJETIVO

O objetivo da pesquisa é compreender a ética de aristotélica, dando destaque para os conceitos centrais: *télos*, bens, sumo bem, virtudes e felicidade.

METODOLOGIA

A pesquisa será realizada por meio de uma revisão da literatura, tendo como base a leitura e análise do livro aristotélico *Ética a Nicômaco*. Em apoio, consultaremos literatura especializada sobre o tema.

CAPÍTULO 1 – ÉTICA A NICÔMACO: UM PERCURSO DESCRITIVO-INTERPRETATIVO DA TEORIA ÉTICA ARISTOTÉLICA

Livro I – O Sumo Bem

Aristóteles começa o primeiro livro colocando na mesa um fato: Toda ação, arte, escolha ou investigação tem algum fim, isto é, visa um bem qualquer, e assim como existem muitas atividades existem muitos fins. Por exemplo, a arte culinária que visa fazer boa comida e a arte musical, que visa fazer boas músicas. Continuando o raciocínio, Aristóteles diz que existe um fim que fazemos por ele mesmo, e não visando outra coisa. Ele chama esse fim absoluto de Sumo Bem. Talvez eu possa ser mais claro citando o exemplo da arte culinária: Disse que ela visava a preparação de comida boa. E para que isso serve? Para comer bem. Mas para que isso também? Para nos satisfazermos. Essa lógica segue até o Sumo Bem.

Agora faço uma pergunta importante para continuar: O conhecimento desse bem vai nos servir de alguma coisa? Ele justifica esse estudo da seguinte forma: Se chamamos de "Sumo Bem" o fim de todas as nossas ações, não seria mais fácil alcançar se soubermos qual é nosso alvo? "Semelhantes a arqueiros que têm um alvo certo para a sua pontaria, não alcançaríamos mais facilmente aquilo que nos cumpre alcançar?". Logo, mesmo que em linhas gerais, nos esforcemos por encontrar qual seja esse Sumo Bem que todas as nossas ações querem alcançar.

Essa ideia de “buscar o alvo de algo” é uma característica do pensamento Aristotélico, ou melhor, estava nas ideias do mundo antigo que tudo tem algum *télos*, ou propósito. Chama-se de análise teleológica esse gênero de investigação.

Diremos que o estudo desse bem pertence à qual arte? Obviamente, ele irá pertencer à arte mais importante: A arte política, porque até mesmo artes importantes como estratégia, economia e retórica estão sujeitas a ela. A ciência política usa todas as outras ciências e diz o que devemos ou não fazer no Estado, assim, o fim dessa arte deve ser o bem humano, ou melhor, de toda a cidade. Exatamente o que tentamos encontrar: Qual é o bem ou a finalidade última das nossas ações.

Para Aristóteles, todas as pessoas estão de acordo em dizer que a felicidade é o fim de todas as nossas ações. O bem viver e o bem agir tornaria alguém feliz. Todavia, as pessoas discordam de como alcançar a felicidade. Alguns, dizem que são os prazeres, outros as riquezas e muitos as honras. Existem aqueles que entendem que existe um bem autossustentado e que seria a causa de todo o bem que existe. Aristóteles toma seu rumo como de praxe: pega as principais ideias difundidas, analisa-as, acrescenta ou retira, para então criar uma própria conclusão, baseada em um princípio racional.

Dias (2016, p. 98), abordando a ética aristotélica, afirma que

Partindo do reconhecimento da diversidade de finalidades a que somos expostos pela experiência, Aristóteles nos convida a investigar, dentre todas, aquela finalidade desejada por si mesma. Esta seria o Bem ou melhor de todos os bens.[...] A felicidade é o que, na maioria das vezes, reconhecemos como o bem supremo, o fim que visa todas as nossas ações.

Ramos (2011, p. 30) também endossa minha interpretação, ao afirmar que “o bem que produz a melhor vida a melhor vida possível, uma “boa vida” ou um “viver bem” é aquele que mais almejamos e que nos traz satisfação ou “sucesso” na vida, ou seja, a felicidade”.

Por isso, podemos afirmar que a constatação dessa monografia de que o bem último de nossas ações, ou Bem, ou Sumo Bem, é a felicidade é viável.

O filósofo identifica três maneiras de se viver que tentam alcançar a felicidade como foi supracitado. A primeira é a vida que identifica nos prazeres a felicidade e por isso, as pessoas que assim vivem tentam sempre agradar os sentidos do corpo. Para Aristóteles, os homens que existem para o prazer são iguais a animais e escravos de si mesmos. A segunda é a vida voltada para a honra, e que, pessoas de boa índole, procuram-na. Essa seria a finalidade da vida política. Todavia, não seria isso o que

procuramos, visto que a pessoa não é honrada por si mesmo, mas por outra, enquanto, o Sumo Bem parece ser próprio de uma pessoa e que dificilmente seria tirado dele, independente de outra. A terceira é a vida contemplativa, voltada para a contemplação do Bem de Platão, fundamentado na teoria do mesmo. Essa é a vida que entende que tudo deriva de uma única, eterna e perfeita ideia de Bem, portanto a pessoa que possui esse estilo de vida tentaria conhecer essa Ideia ou Essência. Para Aristóteles, não existe tal Bem que Platão propõe, destarte não faria sentido algum procurar por uma coisa inexistente.

Voltando para o Sumo Bem que tentamos encontrar, é preciso entender o que seria ele. Sabemos que o Sumo Bem que procuramos é uma finalidade das nossas ações e, como existem vários fins, queremos aquele que seja mais absoluto: O bem que é buscado por ele mesmo e não em vista de outras coisas. O Bem Absoluto ou Sumo Bem é também considerado algo que torna a pessoa autossuficiente, isto é, que torna a vida agradável e dificilmente é retirado da pessoa em que se encontra. Ora, para Aristóteles é a felicidade que cabe na nossa descrição de Sumo Bem, porquanto não buscamos a felicidade em vista de outras coisas e quem está em posse dela, torna a própria vida afável. Aristóteles prossegue dizendo que dizer que a felicidade é o Sumo Bem que ele busca pode parecer ser uma banalidade. Destarte, é preciso ter mais clareza sobre o que é a felicidade em si e conseguiremos dizer o que é quando descobrirmos a função do homem. Assim como em qualquer atividade, como pintor ou escultor, o bem reside na boa atuação da função, se descobríssemos a função do homem seria mais fácil dizer o que seria a felicidade e como viver possuindo-a. É preciso relembrar que já analisamos as mais recorrentes teses sobre como se deve guiar a própria vida, então avançaremos na visão de Aristóteles. Ele firma que "o bem do homem nos aparece como uma atividade da alma em consonância com a virtude", isto é, existem diversos fatores que influenciam na felicidade, todavia o mais importante é a atividade virtuosa; praticar ações nobres e boas. E completa para incentivo da leitura: "Confiar no acaso o que há de melhor e mais nobre seria um arranjo muito imperfeito."

Essa felicidade está além da nossa ideia moderna de felicidade utilitarista, isto é, não é maximizar o prazer e minimizar a dor. *Eudaimonia*, a palavra felicidade em grego, é pautada pelo *télos*, propósito ou objetivo, do homem, e este, na concepção de Aristóteles, é viver tanto bem consigo mesmo, através da ética, quanto tem uma ligação profunda com o bem viver em comunidade, através da política. O homem é um ser

político e não possui *eudaimonia*, ou a felicidade, sozinho, nem tampouco apenas em grupo, mas somente com a harmonia entre o homem e sua comunidade.

Se a felicidade é atingida por meio da virtude, precisamos saber o que se entende por isso, isto é, por virtude. Aristóteles diz que estudaremos a virtude da alma e nela existe uma divisão por dois: a excelência intelectual e a excelência moral. Estudaremos ambos.

Livro II – O que é a virtude?

Para atingir uma felicidade duradora que não se vai com qualquer acontecimento, é preciso obter as virtudes da alma. Digo da alma porque existe a do corpo, que é o exercício físico, mas Aristóteles acredita que as mais importantes são as da alma: Virtude intelectual e moral. O filósofo indica que a primeira cresce de acordo com o tempo e o ensino, e podemos dar de exemplo a inteligência. A virtude moral cresce segundo o hábito, e iremos nos ocupar mais da segunda que da primeira.

As virtudes morais são conquistadas praticando atividades virtuosas regularmente, isto é, até se tornar um hábito, e depois podemos dizer que a possuímos ou que somos virtuosos. Por exemplo, não nos tornamos justos por dizermos que somos, mas fazendo atos justos. Primeiro a ação depois o predicado ganhado por uma sequência das primeiras.

Agora que entendemos que para possuir virtudes morais precisamos praticar atos justos, precisamos entender qual a natureza desses atos e como praticá-los.

Segundo Aristóteles, tanto a falta quanto o excesso destroem a virtude. Por exemplo, falemos da coragem: "O homem que a tudo teme e de tudo foge, não fazendo frente a nada, torna-se um covarde, e o homem que não teme absolutamente nada, mas vai ao encontro de todos os perigos, torna-se temerário". Portanto, é da natureza das virtudes morais serem destruídas pelo excesso ou falta. Além disso, a excelência moral aumenta-se de acordo com o prazer ou dor acompanhado dela. Se fazemos uma boa ação apenas por obrigação, sentindo dores, de nada adianta fazê-la. É por causa de dores e prazeres preferimos fazer o mal ao bem. Não vamos dizer que o homem virtuoso sente mal ao praticar a boa ação. Até a própria sentença anterior soa estranho.

Aristóteles diz que existem certas condições necessárias para que o ato justo torne a pessoa justa: Ela precisa saber o que está fazendo, deve escolher o ato por si

mesmo e quando estiver fazendo a ação não pode se arrepender, mas permanecer sem mudanças na disposição.

Agora precisamos descobrir o que seria a virtude. Aristóteles afirma que na alma existem três espécies de coisas: Paixões, faculdades e disposições de caráter. A virtude estaria relacionada a uma delas.

Paixões seriam os sentimentos, acompanhados de dor ou prazer. Por faculdades, a capacidade de sentirmos paixões em determinadas situações ou ações. E disposições de caráter seria a inclinação nossa para fazermos essa ou outra determinada ação.

Nem paixão, tampouco faculdades estaria a virtude, visto que não somos chamados de virtuosos por sentirmos isto ou aquilo ou ainda por termos a capacidade de sentir. Portanto apenas sobra a disposição de caráter, que é a inclinação para fazer um ato, o que soa bem razoável.

Sendo a virtude o que foi dito, é mister que ela torne a pessoa e as ações da mesma em boas. É importante ressaltar novamente que a virtude sempre visa o meio-termo do excesso e da falta, e por isso, independente de qual seja a virtude, demos uma definição que independe de qual excelência estamos nos referindo. A virtude, antes de se atribuir algum hábito, será a justa medida entre o excesso e a falta, esta é a “fórmula” da excelência moral.

Aristóteles, em seguida, vai apresentar as excelências morais relativas à sua época, todavia precisamos ter claro que a interpretação dessas virtudes depende do conteúdo específico delas, isto é, são exemplos de como a excelência moral, a justa medida entre duas ações, aplicam-se no seu próprio dia-a-dia. Isto quer dizer que, em outros tempos, o conteúdo específico das virtudes mudaria.

Os comentaristas avançam em especificar o conceito de felicidade (eudaimonia) para Aristóteles. O conteúdo de ambos confirma o que foi escrito: A felicidade é atingida por meio da virtude, como podemos observar nos seguintes comentários:

O bem para os seres humanos seria o exercício ativo das faculdades da alma, em conformidade com sua excelência. A felicidade será então definida como atividade da alma conforme a excelência. (DIAS, 2016, p. 99)

Como deve ser esse bem? [...] é o nosso fim, ou finalidade do nosso agir. [...] deve ser procurado por si mesmo, [...] basta-se a si mesmo como fim último. Esse algo é a virtude, conteúdo da felicidade e fim último do agir humano. (RAMOS, 2011, p. 30).

A virtude é uma disposição de caráter. Tal assertiva significa, para Aristoteles, que depende da vontade do agente de agir de maneira apropriada

à prática de atos virtuosos. E essa prática está vinculada a uma disposição constantemente adquirida e incorporada no nosso modo de ser, de tal forma que ela torna-se um hábito pela contínua prática de boas ações. (RAMOS, 2011, p. 31).

Livro III – As virtudes helênicas

Fazem parte da virtude os sentimentos e as ações, como já foi dito anteriormente. Analisamos a parte das emoções, agora nos resta analisar as ações. Como não se louva ou repreende ações involuntárias, mas sim voluntárias, precisamos dizer como definir as ações voluntárias e as involuntárias.

Para Aristóteles são consideradas ações involuntárias aquelas que acontecem por compulsão ou ignorância. É compulsório aquilo que o princípio motor não se encontra em nós. Existem certos atos que fazemos para evitar um mal maior e que parecem ser um misto de voluntário e involuntário, como forçados a fazer algo. Assemelha-se mais ao voluntário pela causa que escolhemos fazer (pelo bem), no momento em que se fazem e pelo fato do fim estar estritamente ligado às circunstâncias. Fica então dito que os termos “voluntário” e “involuntário” precisam ser usados de acordo com o momento da ação, e não depois ou antes.

Essas ações "forçadas" (por uma causa maior), muitas vezes são dignas de louvor quando um homem suporta grandes sofrimentos por uma causa nobre. E quando essas ações "forçadas" superam os limites da força humana, são dignos de perdão e piedade. Para esclarecer, são forçadas as ações em que a causa delas estão nas circunstâncias exteriores. Quando fazemos algo na ignorância e que não produz nem dor e sofrimento, é não-voluntário (que difere tanto do voluntário como do involuntário), enquanto caso se encontre os sintomas supracitados com exclusão da não saber, é involuntário. Dizemos que algo foi feito por ignorância quando o homem ignora qualquer das circunstâncias do ato. A ignorância é condenável quando atribuída à negligência. Isto é, quando depende de nós o saber tal circunstância.

Já que ditamos as ações involuntárias, as voluntárias parece um oposto disso: Quando o princípio motor se encontra em nós mesmos e o agente conhece das circunstâncias particulares do ato.

A virtude se relaciona com a escolha (que é necessariamente voluntária) e ações voluntárias. Já delimitamos o que seria ações voluntárias e involuntárias, agora cabe-nos perceber o que seria o exame da escolha.

Fazemos escolhas visando fins, isto é, escolhemos meios para os fins que desejamos. A escolha envolve um princípio racional e o pensamento.

Antes de escolher, deliberamos. É possível deliberar sobre tudo? Obviamente não, visto que não podemos conduzir o destino das estrelas no céu, mas sim sobre coisas possíveis para nós, que estão ao nosso alcance de ser feito. Assim como a escolha, a deliberação visa um meio para determinado fim já estabelecido. A pessoa que delibera faz uma investigação e análise sobre algo. "a escolha é um desejo deliberado de coisas que estão ao nosso alcance."

Ressalta-se que o desejo tem como objeto o fim. O Sumo Bem, a felicidade, é o objeto de desejo de todos, mas o Sumo Bem aparente (o que aparenta felicidade) é particular a cada homem. Segundo Aristóteles o bem aparente do homem bom é o próprio Sumo Bem, enquanto a do homem mau se difere em um leque extenso de espécies de bens. Estes homens se tornam maus devidos a seus atos, isto é, são as atividades exercidas sobre objetos particulares que causam determinado caráter.

Executar a virtude tem a ver com os meios e por isso está ao nosso alcance, tanto quanto o vício. Portanto, tanto os atos nobres e vis que fazemos dependem de nós. O ser e tornar-se bom e mal dependem de nós, isto é, de fazer atos vis ou bons. Porque o homem que age injustamente é injusto, assim é com qualquer vício e o oposto com a justiça.

De modo geral podemos dizer que as virtudes são meios, disposições de caráter, tendem à prática que elas produzem, que dependem de nós e são voluntárias.

Agora é preciso uma "prova real" da teoria que criamos. Vamos analisar a coragem e como ela se relaciona com nossa "virtude geral".

A coragem é o meio-termo entre os sentimentos de medo e confiança. Geralmente o que se teme é algo terrível, tal como o desprezo, a desonra, a doença ou a pobreza, sendo essas até justas de serem temidas, porém também existem as tolas de se ter medo.

É chamado de bravo aquele que é destemido, mesmo na face da morte, que precisa ser honrosa, e dos perigos envolvidos nesse fim. "Somos corajosos em momentos que podemos privar nosso valor ou em que a morte seja nobre". É sempre com uma finalidade nobre que um bravo age, por isso é uma morte honrosa, e não

apenas uma morte qualquer. Visto que a coragem é um meio nobre para um fim também nobre.

Aquele que excede na confiança é um temerário: Alguém imprudente, pois há coisas que devemos temer. Pode também ser um homem que só aparenta ser corajoso, enquanto o bravo é verdadeiramente.

O que tem excesso de medo é covarde, temendo e fugindo de tudo, muitas vezes o que não deveria temer.

Existem cinco momentos em que podemos aplicar a coragem: Quando um cidadão-soldado luta bravamente por seu país, não por coação, mas por honra. Quando adquirimos experiência suficiente pra não se espantar em qualquer alarme. Quando apaixonados, bravamente lutamos por nossa paixão (Aristóteles afirma que o bravo é apaixonado pela honra). Errado é dizer que as pessoas otimistas são bravas, pois supõe uma coisa que não é do jeito pensado. As pessoas que ignoram o perigo, mas são inferiores por não terem coragem em si mesmas. Existem pessoas mais indômitas que outras, são essas aquelas que diante de medo e dor, permanecem imperturbáveis (ou quase) e enfrentam as circunstâncias.

Acaba aqui a descrição do caráter dos bravos e dos que são considerados bravos.

Agora nos voltemos para a temperança. Ela é o meio-termo em relação aos prazeres, mas não qualquer prazer, apenas aqueles que nos são comum com a dos animais: O do tato e paladar. É justamente por não conseguir controlar esses desejos "animais" que somos dignos de censura, sendo semelhantes aos próprios seres irracionais.

O intemperante é aquele que deseja mais do que deve e de maneiras absurdas, sofrendo caso ocorra a privação de seus desejos. O oposto do intemperante são raras e quase inexistente: é aquele que não sente absolutamente nada, por isso não há nome. O temperante é o meio-termo desses dois: Não aprecia as coisas que são amadas pelo intemperante (algumas até causam nojo), apenas aquilo que contribuí para a saúde dele mesmo, sem exceder ou faltar.

Livro IV – Continuação das virtudes helênicas

Prosseguiremos, assim, com todos os predicados que os antigos helênicos consideravam virtudes. A Liberalidade é o meio-termo da riqueza, entre dar e receber.

Dado àqueles que dão sem relutância ou dor, mas com prazer; dão por razões nobres, para pessoas que convém, na quantidade justa e no momento apropriado. O homem liberal não recebe de fontes indevidas, nem dá valor à riqueza. Ele também saberá gastar suas posses com o que é devido sem exceder, nem pra menos ou mais. Esse é o meio-termo. Falemos de seus extremos.

No tocante ao dar em excesso, o assunto é a prodigalidade e o que possui essa qualidade é o homem pródigo. Esse é aquele que gasta visando seu próprio prazer, gastando sem refletir, logo exaurindo com suas posses rapidamente; esse último fato acaba por fazer o pródigo deixar de o ser, já que termina a fonte de riqueza. Ou então ele pega de toda forma de ganhar dinheiro porque deseja gastar com seus prazeres.

Por fim, ao outro extremo da prodigalidade, cabe ao adjetivo avarento classificá-los. São aqueles que amam o dinheiro, que fazem de tudo pra adquiri-lo, se não, apenas não o fazem por medo, e dão com muita relutância (ou não dão). Têm um sórdido amor ao lucro e infelizmente, diz Aristóteles, que é mais fácil as pessoas serem avarentas que prodigiosas.

Agora entremos na virtude magnificência, que é parecido com a liberalidade. Do mesmo modo, trata-se de dinheiro, de gasta-lo bem, do modo certo e na ocasião apropriada, todavia se trata apenas de grandes quantias. Por isso podemos dizer que o homem magnificente é liberal, mas o contrário nem sempre é verdade. Pode-se dizer que o homem magnificente é um artista, visto que faz obras grandiosas e honrosas. No carnaval, quando alguém incentiva monetariamente uma bela passeata no sambódromo, podemos chamá-lo de magnificente, ou então aquele que faz uma linda festa de bodas. Também que condecora sua casa de maneira bela e duradora. Os opostos dele são o vulgar e o mesquinho. O vulgar erra gastando muito em coisas de pouca importância, enquanto o mesquinho erra no gastar pouco no que deveria se gastar muito, sempre se lamentando pelo dinheiro perdido. O primeiro o faz apenas para se mostrar, como um jactancioso.

A magnanimidade é o predicado de quem merece grandes honras. A pessoas que possui o adjetivo, se considera digno de grandes honrarias, pois ele realmente merece isso. O magnânimo necessariamente precisa possuir uma "coroa de virtudes", isto é, ter todas as outras virtudes em si na mais alta excelência. Os extremos da magnanimidade são o excessivamente humildade e o vaidoso. Aquele crê não ser merecedor de grandes coisas, apesar de ser, e é censurável por parecer que não conhece a si mesmo e não quer

o prazer que deveria receber. Enquanto o vaidoso é aquele que tenta imitar o magnânimo sem o ser, envergonhando a si mesmo.

A calma é o meio-termo da cólera, mas esse é multiforme no jeito de exceder ou faltar. O homem calmo é aquele que apenas se encoleriza pelo motivo devido, do jeito correto e pelo tempo proveitoso. Esse homem tende a não se deixar perturbar ou ser guiado pelos sentimentos. O que falta na deficiência é o "pacato", que não se encoleriza como se deve de diversas formas e são considerados tolos e incapazes de defender a si mesmos. No excesso existem três tipos de pessoas: irascíveis, birrentas e mal-humoradas. Os primeiros encolerizam-se por bobeira, mas rapidamente passa. Os segundos refreiam a própria cólera e guardam ela dentro de si, causando incômodo a si mesmos e a seus amigos. Os últimos encolerizam-se com o que não se deve e por muito tempo.

Existem dois extremos: aquele que a todos elogia sem refletir e sem se opor a quem quer que seja é bajulador; Enquanto que critica tudo é grosseiro ou rude. O meio-termo disso seria algo como um "bom amigo", aquele que se conforma ou rebela de modo devido diante de coisas devidas. Se conduzindo convenientemente ao tipo de pessoas em que fala, seja amigos, distantes, de alta classe social ou baixa. Louvando na medida que merece louvor e da maneira correta, corrigindo da mesma forma.

Agora falemos do meio-termo entre a jactância e a falsa modéstia. Cada homem fala, age e vive de acordo com seu caráter, sendo assim aqueles que falam de si mesmo falsamente devem levar uma vida falsa. Enquanto o homem veraz é verdadeiro no jeito de viver e falar, evitando a falsidade e inclina-se sempre para a verdade e não pros exageros. O arrogante é aquele que mente exagerando o que ele é, aquele que mente suas virtudes, sendo menos pior do que aquele que se diz ser vidente, sábio ou médico visando o dinheiro. O que tem a falsa modéstia não parece ser de todo mau, visto que querem fugir da ostentação.

Livro V – A Justiça

Examinemos a justiça. Sobre ela precisamos descobrir três coisas: O que se relaciona com ela, que espécie de meio-termo é ela e quais são os extremos dos atos justos.

Para Aristóteles a justiça é a disposição de caráter que torna as pessoas propensas a fazer e desejar o que é justo. O justo seria o respeitador da lei e probo, enquanto o injusto seria o contrário disso. Ele é considerado isso porque tende a preservar e produzir a felicidade e elementos semelhante à sociedade política. A lei ordena os homens a serem bravos, temperantes e calmos, de forma geral ela é considerada uma virtude geral, isso é, na justiça estão todas as virtudes que se relacionam com o outro.

Parece existir mais de um significado pra justiça. O primeiro em um sentido mais amplo, nesse sentido sendo sinônimo de excelência moral. Aristóteles quer não aquele que é a própria virtude (o primeiro), mas que faz parte dela. Por exemplo, quando um homem tira proveito monetário de uma má ação, como o adultério, ele é chamado de injusto, enquanto se não tivesse o dinheiro envolvido seria apenas intemperante. Tanto a justiça quanto a injustiça particulares parecem se relacionar com à honra, ao dinheiro ou à segurança, enquanto o geral com tudo que se relaciona com o homem bom.

No sentido estrito, temos três formas de justiça: a que se relaciona com a lei, com a distribuição e com a correção. A primeira refere-se ao homem justo que age de acordo com a lei e, quando esta falha por ser muito generalizada, este homem buscará a equidade. Aristóteles faz diferença entre dois tipos dessa justiça: A natural e a legal. A justiça natural é imutável e em toda parte tem a mesma força, enquanto a justiça legal varia de lei para lei. A segunda é aquela que distribui cargos e recursos financeiros, onde aplica-se determinada função mais àquele que a merece, sendo reconhecido através do propósito do cargo em questão, isto é, se for, por exemplo, a de atleta, essa profissão deve ser dado para a pessoa que tiver uma pré-disposição para seguir tal função. Por último, o justo pode ser aquele que corrige medidas desproporcionais, na medida em que existe a justiça corretiva, por exemplo, o juiz, que aplica a pena ao que cometeu alguma infração para equilibrar o que "sofreu" e o que cometeu. Logo conhecemos três tipos de justiça: A legal, a distributiva a corretiva. A ação justa é o meio-termo entre ser vítima de injustiça e agir injustamente.

Ademais, a justiça é teleológica e honorífica. O homem justo que for julgar alguma questão em determinada prática social, precisará saber qual é o *télos* da prática social em questão e, depois, necessitará saber quais virtudes que tal prática honra para determinar qual seria a ação mais adequada a situação.

Tanto o homem injusto como seus atos são ímprobos e iníquos. O ponto intermediário da injustiça é a equidade. O homem justo é equitativo. Essa igualdade implica três coisas: intermediário, igual e relativo. Primeiro, ele deve se encontrar entre certas coisas, como igual envolve duas coisas e como justo é para certas pessoas. Uma das espécies de justo é ser um termo proporcional, no sentido de número geral.

O justo pode ser aquele que corrige medidas desproporcionais, por exemplo, o juiz, que aplica a pena ao que cometeu alguma infração para equilibrar o que "sofreu" e o que cometeu. Logo já conhecemos dois tipos de justiça: A distributiva e a corretiva. A ação justa é o meio-termo entre ser vítima de injustiça e agir injustamente.

Atos de injustiça ou justiça só podem ser denominados assim se cometidos voluntariamente, caso sejam involuntários podem ser justos ou injustos, mas não ato de algum dos dois. Além disso, é o caráter voluntário que torna uma pessoa injusta. Se a pessoa comete uma injustiça por acidente, é um engano; quando comete sem deliberar, é um ato de injustiça; mas quando se sabe os meios e os fins, a pessoa é injusta e viciosa. Aristóteles completa, dizendo que não é fácil ser justo, embora seja fácil ser injusto. Para ser injusto basta cometer alguma falta, como roubar, subornar, agredir, enquanto para ser justo precisa saber agir e efetuar distribuições entre no mínimo duas pessoas.

Livro VI – A Sabedoria Prática

O meio-termo é determinado pelos ditames da reta razão e o que seria isso ou qual é a natureza disso é o ponto a ser descoberto, começando por fazer algumas observações a respeito da alma.

Na alma existem três coisas que controlam a ação e a verdade: Sensação, razão e desejo. Segundo Aristóteles a sensação não é princípio de nenhuma ação pelo fato dos animais inferiores também a terem. A escolha é a origem da ação, e a origem da escolha é o desejo, onde raciocinasse com algum fim em vista. A virtude moral se relaciona com a escolha, e essa com o desejo deliberado de acordo com um reto raciocínio.

Agora nos voltemos pra outra coisa que existe na alma: A verdade. É possível possuir ela em virtude de cinco coisas: A arte, o conhecimento científico, a sabedoria prática, a sabedoria filosófica e a razão intuitiva. Começemos nossa exposição desses cinco a partir do conhecimento científico: Este seria o que sabemos com certeza e que seja eterno e imutável.

A arte é uma capacidade raciocinada de produzir, necessariamente um ligado ao outro: Se você produz, faz arte e vice-versa. Toda arte procura criar e se ocupa em inventar e em considerar as maneiras de produzir alguma coisa cuja origem está em quem produz. Podemos dizer então que a arte é uma disposição que se ocupa de produzir, envolvendo o reto raciocínio.

Dá-se o predicado sabedoria prática (*phronesis*) para o homem que delibera bem sobre o que é conveniente para a boa vida em geral dele ou em alguns casos o de um Estado. A sabedoria não é nem ciência nem arte, o primeiro porque é invariável e o segundo por se tratar da produção, enquanto a sabedoria prática trata-se de agir de acordo com o reto raciocínio sobre as coisas boas ou más para o homem, sendo variável de acordo com a situação. A sabedoria prática é a capacidade verdadeira e racionada de agir com respeito aos bens humanos. A razão intuitiva é o precedente do que é cientificamente conhecido, isto é, através do primeiro descobrimos o segundo.

A sabedoria filosófica é a junção do conhecimento científico e da razão intuitiva de coisas elevadas por si mesmas. Enquanto a sabedoria prática é uma espécie de inverso da primeira: Ela delibera sobre coisas passíveis desse verbo, pois que ninguém delibera sobre coisas invariáveis, mas apenas sobre as quais são o melhor para o homem.

Como a sabedoria prática implica em deliberação, e ela é intrínseca ao virtuoso, é preciso procurar excelência e o que seria a deliberação. Segundo Aristóteles, a excelência da deliberação consiste na correção certa de um raciocínio, isto é, a correção certa no que diz respeito ao meio para determinado fim. O homem que delibera busca alguma coisa e calcula como alcançar o fim. O que se chama discernimento é a reta discriminação do equitativo.

Para que serve essas faculdade da mente? Para Aristóteles, essas disposições devem ser dignas de escolha por participarem das duas partes da alma (a moral e a intelectual), mesmo que elas não produzissem qualquer coisa. Porém, elas produzem, a sabedoria filosófica produz felicidade por ser uma parte da virtude inteira, pela própria posse e atualização dela. Apenas com a sabedoria prática a obra de um homem torna-se perfeita, juntamente com a virtude moral. A primeira auxilia-nos na escolha dos meios devidos e a segunda torna os fins retos. Existe um predicado que se chama habilidade, este diz respeito ao fazer as coisas que conduzem ao fim proposta e participa da sabedoria prática, tornando evidente a importância da posse da própria sabedoria prática. Aliás, para que exista excelência moral, é preciso que a pessoa possua a

qualidade sabedoria prática, posto que o meio termo faz parte da virtude, e este, por sua vez, é difícil de se encontrar sem o predicado em questão.

Livro VII – A Incontinência, a Bruteza e os Prazeres

Existem três disposições morais que precisam ser evitadas: O vício, a incontinência e a bruteza. O primeiro já falamos anteriormente. O terceiro Aristóteles afirma que é raro de encontrar, normalmente achado entre os bárbaros e em casos de deformidades ou doenças. Ele então começa a investigar a segunda, a incontinência junto com a moleza e o contrário de ambos: A continência e a fortaleza.

O objeto do incontinente é o mesmo do intemperante, mas enquanto o segundo age pela própria escolha, o primeiro não. O homem incontinente busca o excesso de coisas ou as evita, mas faz isto contrariando sua própria escolha e deliberação e por isto chamamos de incontinente. A incontinência tem a seu lado a moleza, que consiste em ser fraco em agir e em querer, como alguém que simula doença para fugir de alguma adversidade pueril. Obviamente, o contrário da incontinência é a continência que consiste em vencer as paixões, enquanto que o oposto do outro é a fortaleza, consistindo em resistir as paixões. Duas espécies de incontinência são identificadas: A impetuosidade e a fraqueza. A primeira trata-se dos homens que após terem deliberado não conseguem manter sua vontade racional, enquanto o outro são aqueles por não terem deliberado são levados pela emoção. A incontinência não fica na lista dos vícios pelo fato do homem incontinente ser curável, isto é, ele sabe que o que faz é errado e pode arrepender-se. O vício não tem consciência de si mesmo, a continência tem. A segunda é contrária à escolha, enquanto o vício segue o que escolheu. Tampouco o homem incontinente pode ser dotado de sabedoria prática, visto que essa é virtude de alguém que possui bom caráter e que age de acordo com isso. A sabedoria prática atua não apenas no conhecimento, mas também no agir.

Terminado o estudo da continência e a incontinência, iniciamos agora o estudo do prazer e da dor, importante empreitada visto que as virtudes e vícios dizem respeito à felicidade, que envolve o prazer. Existem três opiniões sobre prazer:

- (1) Para algumas pessoas nenhum prazer é um bem.
- (2) Alguns prazeres são bons, mas a maioria são ruins.

- (3) Mesmo que todos os prazeres sejam bons, a melhor coisa do mundo não é o prazer.

Os argumentos em favor do (1) são:

- a) O homem intemperante busca os prazeres.
- b) O homem que possui sabedoria prática busca o que é isento de dor e não o que é agradável.
- c) Os prazeres são um obstáculo para o pensamento, e quanto maior ele é, mais difícil é pensar.
- d) As crianças e os brutos buscam os prazeres.

Os argumentos em favor do (2):

- a) Existem prazeres que são vis e censuráveis e
- b) Alguns prazeres são nocivos no sentido de malsã.

A favor do último (3):

- A melhor coisa do mundo não pode ser o prazer já que esse é um processo, não fim.

A opinião de que os prazeres são maus porque existem coisas prazerosas que são ruins é um falso raciocínio, visto que não quer dizer que todas necessariamente vão ser assim. Nem a sabedoria prática, nem qualquer estado do ser é impedido pelo prazer que ele proporciona. São os prazeres estranhos que tem um efeito impeditivo, visto que os prazeres em virtude do pensar e do aprender nos fazem querer continuar e aumentar essas atividades.

O fato de todos os seres humanos buscarem o prazer é um indício dele participar do Sumo Bem. Apesar de nem todos buscarem os mesmos prazeres, todos buscam o prazer. Além disso, os prazeres corporais apropriam-se do nome “prazer” por dois motivos: Os buscamos com mais frequência do que os outros e nem todos participam de outros tipos de prazer, acreditando que eles não existam. Sobre os prazeres corporais: É certo que pode haver excesso nesses, e o homem mau é mau por buscar o excesso e não

por buscar apenas o necessário. Eles merecem ser escolhidos na medida certa, porque causam o alívio ou expulsão da dor. Eles são considerados maus pelo fato das pessoas intemperantes e brutas as buscarem em excesso.

LIVRO VIII – A Amizade

Agora dirigiremos nosso olhar para a amizade. Ela seria a mais importante de todas as virtudes, "porque sem amigos ninguém escolheria viver, ainda que possuísse todos os outros bens". Aristóteles fala que de nada serve tanta prosperidade se não puder fazer o bem da forma mais louvável, que é sobre os amigos. A amizade ajuda os jovens a se afastarem do erro, dá assistência aos mais velhos e ajuda os que estão no vigor da idade a praticarem atos nobres. Parece que é a amizade que une os Estados, e os filhos e pais sentem naturalmente a amizade uns pelos outros. "Considera-se que a mais genuína forma de justiça é uma espécie de amizade." Ela é nobre em si mesma, visto que louvamos quem ama os amigos e aquele que é bom chamamos de amigo. Agora investiguemos algumas coisas sobre a amizade: A amizade pode nascer entre duas pessoas quaisquer? Existe uma só espécie de amizade? Admite graus? Etc

Aristóteles começa a examinar o objeto do amor. Primeiro, nem tudo parece ser amado, apenas o estimável, que é útil, agradável ou bom. Os homens amam o que é bom em si ou o que é bom para eles? No tocante aos amigos, diz-se que devemos desejar-lhes o bem no interesse deles próprios, mas mesmo assim só se tornam amigos se tiverem conhecimento mútuo de um e outro e que o sentimento nobre seja recíproco entre eles

Há três espécies de amizade. Elas são semelhantes da seguinte maneira: Ambas as partes se amam e sabem dessa qualidade, e os que se amam desejam-se bem. (1) Existe os que se amam por utilidade. Estes não se amam por si mesmos, mas em virtude de algum bem que recebem do outro, por exemplo, não é devido ao caráter que os homens espirituosos são amados, mas pelo prazer que eles causam. Eles amam por causa da utilidade, amam porque é bom para eles mesmos. Eles não amam na medida em que o outro é a pessoa amada, mas na medida que é útil ou agradável. Essas amizades, Aristóteles chama-as de acidentais, porque amam não pelo que a pessoa é mas o que ela faz pelo outro. Tais amizades se dissipam facilmente, pois basta que acabe o motivo de agrado pra que se finalize a amizade. O útil não é permanente, mas

muda frequentemente. Esse tipo de amizade tem muito entre os jovens. Também com a relação entre hospedeiro e hóspede.

A amizade perfeita é a dos homens que são bons na virtude, pois desejam o outro por serem bons. Eles são mais verdadeiros amigos por querer a amizade por causa das próprias pessoas, não visando o que é agradável para eles mesmos. Querem a pessoa por ela mesma. E por causa disso essa amizade tende a durar muito tempo. O amor e a amizade são encontradas na melhor forma em homens bons. Porém amizades como essa não são frequentes, pelo fato desses homens serem raros. Além disso, a amizade precisa de tempo, familiaridade e confiança. O desejo da amizade pode surgir depressa, enquanto a própria amizade, não.

A amizade dos jovens, Aristóteles argumenta, é normalmente aquela que visa ao prazer, pois eles são guiados pelas emoções. Mas com o decorrer do tempo as emoções mudam rapidamente, e é por isso que as amizades entre os jovens se dissipam tão rapidamente.

A amizade dos bons é perfeita, tanto na duração quanto em outros quesitos. Os que são amigos por causa da utilidade separam-se quando cessa a vantagem, visto que não se amavam mutuamente. Enquanto os que são amigos pelo prazer se tornam mais constantes, pois aprendem a amar o caráter um do outro pela afinidade que existe entre os dois. Esses dois tipos de amizades os maus também podem ter, todavia a amizade que visa a pessoa em si mesma apenas os bons podem ter. A amizade "por si mesma", é invulnerável à calúnia, e nela são achados a confiança.

A amizade é ao mesmo tempo uma disposição de caráter e uma atividade. Os que vivem juntos se beneficiam mutuamente, e aqueles que estão distantes estão dispostos a realizar atos da amizade. A distância não rompe a amizade, mas apenas a sua atividade. Todavia, se durar muito tempo essa ausência, parece que a afinidade se esvai. Aqueles que aprovam um ao outro mas não convivem, parecem olhar-se com simpatia, todavia não são verdadeiros amigos. Nada é mais característico para os amigos que o convívio. Aristóteles diz que a verdadeira amizade é a dos bons e nisso enfatiza várias vezes.

Entre pessoas idosas e amargas é mais difícil formar-se amizade, visto que a amizade necessita tanto de bom humor, como que é preciso que eles se sintam bem com a companhia um do outro. Essas duas qualidades são as que mais contribuem para produzir a amizade. Os homens não se tornam amigos daqueles em cuja companhia não se comprazem. Além disso passar os dias juntos é essencial.

Não se pode ser amigo de muitas pessoas no sentido de amizade verdadeira, assim como não é possível amar muitas pessoas ao mesmo tempo. As amizades envolvem igualdade, pois os amigos recebem as mesmas coisas um do outro e desejam-se mutuamente as mesmas coisas.

Existe um tipo de amizade que envolve desigualdade, como a de um pai e um filho, um professor e aluno, em diante. Cada parte não recebe a mesma coisa nem deveria busca-la. O amor deve ser proporcional, o melhor deve receber mais amor que dá e deve ser mais útil. Quando o amor é proporcional alcança-se uma espécie de igualdade que é uma característica fundamental para a amizade.

Quando há uma disparidade muito grande em relação à virtude, ao vício, à riqueza ou etc, já não deveriam ser amigos. A situação fica mais clara se falarmos de deuses e adoradores, reis e súditos, etc. Isso traz à tona uma questão importante: Por causa disso os amigos não desejam os maiores bens para o outro, se não o outro se distanciará da igualdade necessária à verdadeira amizade. É a si mesmo, antes de qualquer outro, que cada homem deseja o bem.

Aristóteles diz que a maioria das pessoas parecem preferir serem amadas a amar, visto que ser amado se assemelha bastante com ser honrado. Apesar disso, o ser amado parece ser deleitável em si mesmo, sendo mais preferível que ser honrado. A amizade depende antes em amar do que ser amado, os que amam seus amigos são louvados. Apenas aqueles que amam na medida justa são amigos duradores, apenas amizades desse tipo resiste ao tempo. Sendo constantes por natureza (os virtuosos), eles mantem-se fieis uns aos outros e não solicitam nem prestam serviços baixos.

A amizade e a justiça parecem ter um denominador em comum nas pessoas. Em toda comunidade parece existir alguma forma de justiça e amizade. Além disso, a injustiça se torna maior quando praticada contra um amigo do que seria se fosse contra um concidadão, do mesmo jeito se fosse um irmão ou pai. Existem varias comunidades particulares, como a dos soldados, dos homens de letras, religiosos e etc. Todavia todos esses participam de uma em comum: A comunidade política. Cada um tem suas vantagens específicas, já na última, a vantagem é facilitar a vida boa.

Toda a amizade envolve associação, diferenciando a amizade dos camaradas e a dos familiares. A primeira parece uma espécie de pacto semelhante aos dos concidadãos, companheiros de viagens, entre hóspede e hospedeiro, etc. A amizade dos familiares parece depender da amizade entre pai e filho; os pais amam os filhos como parte de si mesmos, enquanto os filhos amam os pais por serem originários deles. Além

disso, o tempo decorrido contribui para a amizade de ambos: Os pais amam os filhos desde o nascimento, já os filhos amam os pais conforme tomam consciência da própria existência. Pai e mãe amam os seus filhos como a si mesmos, enquanto os filhos amam os pais por terem nascido deles. Irmãos se amam por se originarem dos mesmos pais, além de contribuir para a amizade a mesma educação e a semelhança de idade (visto que a igualdade é mister para a amizade)

O viver junto, partindo do princípio tanto de comunidade como de amizade, é indissociável da natureza humana. Ele considera que todas as pessoas tendem a se juntar, e isso atesta a insuficiência de se viver na solidão. A amizade, então, torna-se como uma virtude, um hábito, essencial para a realização da pessoa, o indivíduo, como das pessoas, a comunidade, ambos ligados e, para a época dele, impossível de ser separado.

Essa comunidade, para existir de maneira plena e autossuficiente, necessita da justiça, como excelência moral, capaz de encontrar o perfeito meio-termo relativo às questões do cotidiano, e dessa amizade entre compatriotas, de onde surge a vontade de viver junto (se comprazer na presença) e de uma ajuda mútua (benevolência recíproca).

LIVRO IX – Continuação da Amizade

Em todas as amizades em que um é superior ao outro, a proporção que iguala as partes preserva a amizade. Por exemplo, na forma política da amizade, o sapateiro recebe uma compensação pelos seus produtos na proporção do que eles valem. Assim deve ser dado de acordo com o valor do recebido.

Na amizade entre amantes, algumas vezes o amante se queixa que o excesso de amor que ele dá não é recompensado, e o amado reclama pelo fato de não receber nada que foi prometido. Esses casos acontecem quando o amante ama o amado com vista no prazer e o contrário com vista na utilidade, e ambos não possuem as qualidades que precisariam ter para satisfazer um ao outro. Se os objetos da amizade são esses, a amizade se dissolve facilmente, enquanto se o objeto da amizade for a pessoa em si, tende a durar.

Convém romper uma amizade quando o outro não permanece o mesmo? Bom, não há nada de estranho em romper com uma amizade baseada na utilidade ou prazer caso isso ocorra. Agora, se um amado iludiu a si mesmo acreditando que era amado

pelo seu caráter e não era assim, deve apenas se queixar a si mesmo, mas se o amante o iludiu, pode queixar-se dele. Se um dos amigos ultrapassa outro grandemente em virtude, não é possível permanecer a amizade. Nem por isso precisamos tratar o outro como a um desconhecido, mas ter simpatia com o sujeito pela amizade de outrora.

As relações de um homem para consigo mesmo é parecido com alguns predicados necessários à amizade, tais como: (1) Aquele que deseja e faz, ou parece desejar e fazer o bem no interesse de seu amigo, (2) deseja que o amigo viva e exista por ele mesmo, (3) como aquele que vive na companhia um do outro, (4) tem os mesmos gostos que ele, (5) compartilha os pesares e alegrias um do outro. É por destas características que a amizade é definida. Cada uma dela está presente no homem bom para consigo mesmo. Por causa dessa harmonia e amizade consigo mesmo, a existência do homem bom é boa, portanto agradável. Ele se relaciona com o amigo como se fosse para consigo mesmo. Nenhum homem mau ou ímpio parece sequer possuir qualquer um desses atributos.

A benevolência é uma espécie de relação amigável, mas não é amizade. Podemos sentir a benevolência pra qualquer pessoa, podendo surgir para qualquer pessoa que apresenta alguma excelência aos nossos olhos, como a beleza, a bravura ou coisas semelhantes. Por isso não é possível que a benevolência seja amizade, já que a última implica em intimidade. Porém, do mesmo modo que o princípio do amor é o prazer dos olhos, não é possível que duas pessoas se tornem amigas sem antes sentirem benevolência uma pela outra. Diremos então que a benevolência é uma espécie de amizade inativa, e se torna em amizade verdadeira quando alcança graus de intimidade.

A unanimidade parece ser uma relação amigável. É a respeito das coisas a fazer que se diz que as pessoas são unânimes, e dos assuntos importantes em que é possível a todas as partes obterem o que pretendem. Por exemplo, quando uma cidade toda está de pleno acordo em eleger seus legisladores, diríamos que ela é unânime. A unanimidade parece ser a amizade política, pois ela versa sobre coisas que são de nosso interesse e que têm influência em nossa vida.

Agora analisaremos se um homem deveria amar acima de tudo a si mesmo. Geralmente são criticados de egocêntricos aqueles que são devotos a si mesmo. O homem mau parece agir dessa maneira, enquanto o homem bom age tendo em vista a honra, por vezes sacrificando os seus interesses pessoais. Todavia alguns dizem que o homem deve amar acima de tudo seu melhor amigo, e o melhor amigo de um homem é

ele mesmo, e por isso deveria amar a si mesmo acima de tudo. Vamos analisar essas duas opiniões e delas extrair nossa verdade.

Primeiro, o sentido em que cada um usa a expressão "amigo de si mesmo" é diferente. Os que a dizem como comportamento vil, fazem em virtude da atribuição da autofilia ao indivíduo adjetivado, àquele que quer uma medida maior de riquezas, honras e prazeres corporais do que convém. Logo a autofilia é ruim, sendo justo que os homens que se amam desse modo recebem esse predicado negativo.

Os que chamam os homens de amigo de si mesmos de maneira boa, chamam pelo motivo dos objetos que tal homem se relaciona serem o agir com justiça, temperança, coragem e as virtudes em geral, procurando sempre a conduta mais nobre. Ora, esse parece ser muito mais amigo de si mesmo do que aquele, pois atribui a si mesmo as coisas valiosas e que realmente importam. O homem bom é amigo de si mesmo nesse sentido, no mais legítimo possível, de um tipo diferente do que é alvo de censura, visto que um é amigo do elemento irracional da alma e o outro do antagônico à este. No mais, um homem deve ser amigo de si mesmo, porém não no sentido que a maioria é, mas aquele que faz atos nobres honra a si mesmo e ao mesmo tempo beneficia seus compatriotas. Enquanto o mau, ofende a si e aos outros.

O homem feliz precisa de amigos? Diz-se geralmente que os que são felizes e autossuficientes não precisam deles, pois tais pessoas possuem tudo que é bom em si mesmas. Entretanto, parece estranho dizer que o homem solitário seja feliz, visto que o homem é um animal político e que a amizade é o maior dos bens exteriores. Além disso, é próprio do homem bom dispensar benefícios e procurar beneficiar, caso seja os amigos os beneficiados, a ação se torna mais louvável e nobre que a um estranho. O homem bom viverá em companhia de outros, visto ele possuir as coisas que são boas por natureza, e sem dúvidas é melhor passar os dias com amigos que com desconhecidos. É preciso que o homem bom ande com amigos para contemplar e fazer ações nobres, assim como aprimorar a própria atividade virtuosa.

Na amizade utilitária não se pode ser amigo de muitos, visto que devolver tantos favores seria laborioso demais para uma vida. Aos bons amigos, o agradável é o máximo possível com que se pode conviver, e não é possível que seja muito porque além de serem raros homens virtuosos, é difícil que todos sejam amigos de todos, visto que isso seja necessário para os que convivem entre si.

A companhia de amigos é agradável tanto na prosperidade como na adversidade. Na adversidade os homens necessitam de amigos e por isso os procuram, enquanto na

prosperidade a procura de amigos é nobre. A própria presença dos amigos é aprazível, já que nossa dor é menor quando estamos com eles e a alegria, maior. Porém, não devemos chamar os amigos para partilhar de nosso sofrimento, visto que é doloroso ver algum amigo sofrer. Entretanto, se vemos algum amigo sofrer devemos ir em auxílio dele, mesmo que ele não tenha pedido, visto que é nobre e aprazível.

LIVRO X – O prazer

Passa-se agora ao estudo do prazer, já que esta é intrínseca à natureza humana. Alguns dizem que o prazer é o Sumo Bem, outros dizem que ele é o contrário disso. Eudoxo pensava que o prazer é o Sumo Bem porque todos os seres o buscam, tanto irracionais como racionais. Logo, o fato de todas as coisas se moverem para o mesmo objeto indicaria que para todas era esse o maior dos bens, e aquilo que é bom para todas as coisas e a que todas elas visam é o Bem por excelência (diz-se que os argumentos dele foram mais aceitos pelo caráter do pensador do que pela ideia em si mesma). O mais genuíno objeto de preferência é aquilo que escolhemos por si mesmo e não por causa de outra coisa, e o prazer é reconhecidamente dessa natureza.

Aristóteles acredita que o prazer não é um bem e alude essa premissa da seguinte forma: Um amigo é elogiado por duas pessoas, um amigo e um adulator. Enquanto o primeiro é louvado por querer o bem do amigo, o segundo é censurado por querer apenas causar prazer e se beneficiar com isso. Além disso, há muitas coisas que devemos desejar assiduamente ainda que não tragam nenhum tipo de prazer, como a ciência, a memória, a posse das virtudes. Parece claro que nem o prazer é o Sumo Bem, e nem todo prazer é desejável por si mesmo, diferindo ele de espécie ou quanto às suas fontes.

O prazer é uma coisa completa em si mesma, tal como a visão. Quando a visão boa contempla um objeto belo, surge o prazer e ele, nesse sentido seria o completar dos órgãos tais como a visão, paladar, audição, e até mesmo mental como a contemplação e etc. O prazer completa a atividade. Na medida em que tanto o objeto inteligível ou sensível como a faculdade discriminadora ou contemplativa forem adequados como convém, a atividade será acompanhada pelo prazer. Como explicar que ninguém esteja sempre contente? Os seres humanos não são capazes de uma atividade contínua permanente e essa é a razão de não ser contínuo o prazer. Algumas coisas nos deleitam

quando são novas e vão se desbotando conforme continuamos a contemplar as mesmas coisas. O prazer completa a atividade, e a vida é uma atividade. É certo os homens quererem o prazer porque completa a vida.

Os prazeres diferem em espécie. Eles são peculiares a cada atividade e geralmente é acompanhado delas. Cada classe de coisas é mais bem julgada e levada à precisão por aqueles que se comprazem na respectiva atividade. Os prazeres intensificam as atividades. Além disso, fica mais observável essa distinção de espécie quando vemos o caso de uma pessoa sendo introduzida a um argumento, mas quando ouve uma flauta tocar presta mais atenção ao flautista do que à outra pessoa. Destarte, as atividades se tornam mais precisas, mais duradouras e melhores por efeito do prazer que lhes é próprio e são prejudicadas pelos prazeres estranhos. Assim como nem toda atividade é digna de escolha, os prazeres que as acompanham também não o são. Por fim de nosso estudo sobre o prazer, devemos fazer em linhas gerais o que seria a felicidade.

Devemos classificar a felicidade como uma atividade, e como algumas atividades necessárias ou desejáveis visam outras coisas, a felicidade seria uma atividade que é um fim em si mesma; porque na felicidade nada falta: ela é autossuficiente. É desejável a atividade que em nada se procura além da própria atividade, como o são as ações virtuosas, porquanto fazer ações nobres e boas é considerado algo desejável em si mesmo. É da virtude e da razão que decorrem boas atividades. Todavia parece muitas vezes haver uma disparidade muito grande entre o que parece valioso. Isso se dá pelo espaço de opiniões possíveis entre o homem mau e o homem bom. As coisas realmente valiosas são aquelas que o são para o homem bom.

A felicidade não reside na recreação. Seria estranho que um homem que passa a vida a trabalhar apenas para divertir-se. Esforçar-se tendo em vista a recreação parece coisa pueril. Todavia muitas vezes é necessário divertir-nos para trabalhar, visto que o divertimento é uma espécie de relaxamento e necessitamos disso porque não podemos trabalhar sempre. Pensa-se que a vida feliz é a virtuosa, tal atividade exige esforço e não consiste em divertimento. Dissemos também que as coisas sérias são preferíveis às risíveis e que, entre duas atividades, a melhor é a mais séria. Destarte, a felicidade não consiste em divertimentos, mas nas atividades virtuosas.

Se a felicidade é atividade conforme a virtude, ela será a mais alta virtude e o que de melhor existe em nós. A razão se destaca como algo divino em nós, e sua atividade contemplativa é a perfeita felicidade. Essa atividade é a melhor em nós pela

razão ser algo de divino em nós e seus objetos os melhores, além do mais ela é a mais contínua, já que a contemplação da verdade pode ser mais contínua do que qualquer outra atividade. Acreditamos que a felicidade tem uma mistura de prazer, e em virtude da atividade filosófica ser reconhecimento a mais aprazível das atividades virtuosas, julga-se que o seu cultivo seja realmente o melhor. Oferece-nos um puro e durável prazer. A autossuficiência de que falávamos deve pertencer à atividade filosófica. Enquanto as outras virtudes necessitam de uma outra pessoa para praticá-las, tal fenômeno não acontece com a atividade do filósofo, pois ele pode contemplar mesmo sozinho. Essa atividade parece ser a única que é amada por si mesma, pois dela nada decorre além da própria contemplação. Se a razão é divina em comparação ao homem, a vida conforme a razão é divina em comparação com a vida humana. Aristóteles afirma que a razão é o próprio homem.

Em grau secundário, a vida de acordo com as outras espécies de virtudes também é feliz. A sabedoria prática (*phronesis*) está interligada ao caráter virtuoso. Todavia essas virtudes precisam de oportunidade e de outras pessoas para exercer. Tanto a vontade quanto o ato precisam estar juntos na intrínseca da ação para que seja virtuosa. Que a felicidade perfeita é a contemplação já está definido. Obviamente nossa natureza não é suficiente em si mesma e por isso precisa de prosperidade exterior, todavia é suficiente que tenhamos o necessário. O filósofo será o mais feliz dos homens, pois segundo Aristóteles participa da atividade dos deuses.

SÍNTESE

Por fim, é útil tendo em vista tudo o que foi exposto, dissecarmos uma das primeiras afirmações de Aristóteles:

“O bem do homem nos aparece como uma atividade da alma em consonância com a virtude” (ARISTÓTELES, pág. 16 ano 1987, ética a nicômaco editora NOVA CULTURAL)

O bem do homem, investigado nos primeiros livros de *Ética a Nicômaco*, consiste na *eudaimonia*, ou felicidade, fim último de nossas ações, esta não é uma sensação, mas sim uma atividade que Aristóteles classifica como uma “atividade da alma”, isto é, exercício da nossa capacidade de pensar e raciocinar, ou como nos últimos livros o estagirita diz, a contemplação, atividade dos intelectuais, na qual o prazer mais

se relaciona e completa tal atividade. Em consonância com a virtude na medida em que, não bastando apenas a teoria, é preciso viver praticando atos justos até se tornar um hábito, através de uma sabedoria prática conquistada mediante a experiência e do raciocínio lógico. Não obstante, para que o indivíduo possa ser considerado feliz, ele precisa praticar a contemplação e os atos virtuosos durante toda a vida, para que no fim dela, se possa afirmar que ele foi realmente feliz.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Martin Claret, 2015.

DIAS, Maria Clara. **Sobre nós**: expandindo as fronteiras da moralidade. Rio de Janeiro: Pirilampo, 2016.

RAMOS, Cesar Augusto. Ética e política em Aristóteles. In: CANDIOTTO, Cesar (Org.). **Ética**: abordagens e perspectivas. Curitiba: Champagnat, 2011; p. 29-50.

ROMANO, Roberto. Contra o abuso da ética e da moral. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 22, n. 76, p. 94-105, 2001.